

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia

20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: GT26 - Sexualidades, Corporalidades e Transgressões

**MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS: Os Sentidos do Corpo e da
Sexualidade a Partir da Análise de Trajetórias de Vida**

Kelma Lima Cardoso Leite, Universidade Federal do Ceará

Antônio Cristian Saraiva Paiva, Universidade Federal do Ceará

MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS: Os sentidos do corpo e da sexualidade a partir da análise de trajetórias de vida¹

Kelma Lima Cardoso Leite²

Antônio Cristian Saraiva Paiva³

RESUMO

O presente trabalho expõe os resultados da problematização e análise das categorias corpo e sexualidade a partir da interface entre as narrativas de trajetórias de vida de três mulheres de faixas etárias diferentes - mas provenientes do mesmo grupo social, cuja principal característica é a sorologia positiva para HIV, a baixa renda e a pouca escolaridade – e um referencial bibliográfico multidisciplinar. A tessitura entre material teórico e empírico possibilitou compreender que as percepções do corpo das mulheres que participaram da pesquisa estão estreitamente relacionadas aos ideais que giram em torno dos cuidados e controle de si que exigem um investimento proporcional à vontade de criar para si um corpo pronto para ser admirado, desejado e saudável. A descrição dos roteiros sexuais de Patrícia, Débora e Deusa revela que a percepção da sexualidade tem cunho marcadamente erótico, mas a busca do prazer ultrapassou a ideia do orgasmo como direito e atualmente é perpassada pela ideologia que impõe o orgasmo como um dever. As narrativas foram construídas por meio da realização de entrevistas abertas durante cerca de dois anos de pesquisa de campo e analisadas segundo uma perspectiva interpretativa-compreensiva. Tal metodologia de investigação possibilitou entender que as percepções do corpo e da sexualidade podem ser tratadas como provenientes da teia de relações tecida pelos indivíduos e a sociedade no decorrer do processo de gênese e cristalização de representações e imaginários.

Introdução

Nos anos 80 tinha-se a idéia de que a aids era uma infecção que atingia, sobretudo, os homossexuais, mais precisamente gays e travestis. Entretanto, hoje a realidade é muito diferente. As últimas estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU) condizentes a epidemia global da síndrome da imunodeficiência adquirida confirmam uma tendência que vem se desenhando desde a década de 90: a aids está se tornando uma doença que atinge, sobretudo, as mulheres. No mundo inteiro elas já representam aproximadamente 45% dos quase 40 milhões de soropositivos para HIV.

No Brasil, em 1985, a proporção era de uma mulher infectada para cada 28 homens portadores do HIV. A relação vai se aproximando de um para um e a tendência é as mulheres rapidamente ultrapassarem o número de

¹ Este artigo faz parte da tese intitulada: “Percepções e sentidos da aids, do corpo, da sexualidade e do amor entre mulheres vivendo com HIV: um estudo a partir da análise de trajetórias de vida”.

² Professora Substituta do Depto. de Ciências Sociais da UFC.

³ Professor Adjunto do Depto. de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

homens infectados, tendo em vista que as chances de uma mulher contrair a doença em uma relação sexual ortodoxa, por assim dizer, é até quatro vezes maior do que as de um homem, principalmente quando há infecções genitais, corrimento ou feridas no colo uterino.

Neste universo crescente de mulheres vivendo com HIV/aids encontram-se Patrícia, Débora e Deusa⁴ que aceitaram participar da pesquisa que deu forma a este artigo. Deusa até o momento da última entrevista tinha 52 anos, havia cursado a 4ª. série do ensino fundamental; era viúva, possuía uma renda mensal equivalente a dois salários mínimos e morava com a filha e dois filhos de, respectivamente, 22, 10 e 27 anos. Patrícia até o momento da última entrevista tinha 26 anos, havia cursado até a 5ª. Série do ensino fundamental, estava desempregada, morava com o marido e tinha uma filha de seis anos que vivia com os avós paternos. Débora até o momento da última entrevista tinha 36 anos, havia concluído o ensino fundamental, passou a receber após a morte de seu pai uma pensão de R\$ 3.000,00, era casada⁵ e tinha um filho de quinze anos que morava com a tia materna. Patrícia, Débora e Deusa nasceram e moraram parte da infância e adolescência, respectivamente, em Santana do Acaraú, Tauá e Santa Quitéria. Deusa, Patrícia e Débora viviam com HIV/aids há, respectivamente, 10, 6 e 8 anos.

Considerando que ao trabalhar com histórias de vida “o entrevistador deverá conhecer o máximo possível sobre seu informante, sua obra, sua experiência, a fim de possuir informações necessárias para em alguns momentos, se necessário, reavivar a memória” dele, Deusa e Patrícia foram escolhidas porque eu já as conhecia desde a pesquisa realizada no mestrado (HOLZMANN, 2002, p. 51). Todavia, meu primeiro contato com Débora ocorreu tão somente em julho de 2010 quando eu realizava visitas exploratórias na RNP+/Ceará visando à elaboração de minha tese de doutorado. O critério que influenciou a participação de Débora nesta pesquisa como narradora foi precisamente a riqueza de suas narrativas e dos significados de suas

⁴ Foram atribuídos pseudônimos as participantes da pesquisa para preservar a identidade das mesmas.

⁵ Débora e Patrícia não são casadas no civil, mas se dirigem costumeiramente aos companheiros como marido ou esposo e se auto-denominam casadas.

experiências coletadas durante nossa primeira entrevista proposta por ela mesma.

Nenhuma destas três mulheres ofereceu qualquer tipo de resistência para participar da pesquisa. Mantive vários encontros com cada uma delas em locais diversificados. Os encontros com Débora ocorreram na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids - RNP+/Ceará⁶ e na sua residência enquanto que Patrícia considerava mais adequado dirigir-se a minha casa. Deusa, por sua vez, achava mais conveniente que eu fosse a Igreja Messiânica Mundial do Brasil⁷ onde ela se congrega regularmente com seus co-crentes na fé.

Trajetórias de Vida e os Tempos da Análise Interpretativa-Compreensiva

Antes de realizar as entrevistas delimitamos as técnicas e métodos que deveriam ser utilizados. Obviamente, técnicas e métodos específicos assinalam um percurso escolhido diante de muitos possíveis. Todavia, ambos não representam “tão somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso” que permite chegar com maior coerência “as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador” (OLIVEIRA, 1998, p. 17).

Nossa intenção era perscrutar os acontecimentos considerados significativos na existência das entrevistadas através do tempo e delinear as relações e fenômenos sociais e subjetivos que reverberam nos sentidos atribuídos ao corpo e a sexualidade, logo, o resgate de trajetórias de vida por meio de narrativas foi identificada como a estratégia metodológica mais pertinente. Tal escolha alicerça-se no seguinte pressuposto: “As narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as

⁶ A RNP+/Ceará foi fundada em 1998 e atualmente ocupa um pequeno espaço de aproximadamente 45 metros quadrados, cedido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, no CSU Aloísio Ximenes localizado na rua Dom Lino, número 1000, no Bairro Amadeu Furtado em Fortaleza-CE.

⁷ A Igreja Messiânica Mundial foi fundada no Japão em 1935 por Mokiiti Okada (1882-1955) que atribuiu a si mesmo o seguinte nome religioso: Meishu-Sama, Senhor da luz. As doutrinas preconizadas por ele caracterizam-se pela incorporação de elementos básicos do cristianismo, budismo e xintoísmo, observáveis nas suas obras mais destacadas: *Os Novos Tempos* e a coletânea *Alicerce do Paraíso* composta de cinco volumes. No Brasil, a Igreja Messiânica Mundial estabeleceu-se em 1955 e já conta no mundo inteiro, segundo site oficial (<http://www.messianica.org.br>), com cerca de três milhões de pessoas, entre adeptos e simpatizantes.

experiências vividas nas trajetórias de noss[as] informantes. Nessa perspectiva, Denzin (1984, p.32) nos ensina que ‘As pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem’” (ABRAHÃO, 2003).

Com a finalidade de orientar as narrativas e aprofundar o recorte que havíamos escolhido, explicamos de forma cuidadosa e acessível às mulheres selecionadas o tema e metodologia de nossa pesquisa. Segundo Bertaux (2005): “Essa intenção manifestada, compreendida, aceita eventualmente fica interiorizada pelo sujeito sob a forma de um filtro implícito através do qual seleciona, no universo semântico da totalidade de suas experiências, o que será capaz de responder às expectativas do pesquisador”.

Com isso em mente, antes de ligar o gravador e pedir que elas discorressem acerca de suas experiências de vida, frisamos que nosso objetivo ao entrevistá-las era saber o que elas tinham a dizer sobre suas sexualidades e seus próprios corpos levando em conta as suas trajetórias de vida. A análise das narrativas “se organizou a partir dos seguintes tempos: - Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva do *corpus*” (SOUZA, 2006, p. 79).

O Tempo I de análise manifestou-se como singular, tendo em vista a construção do perfil das mulheres pesquisadas, tanto na perspectiva individual, quanto coletiva. Durante a escrita do perfil biográfico procuramos discernir dados identificadores e diferenciadores de cada uma das participantes individualmente e em sua perspectiva coletiva, descortinando questões culturais, socioeconômicas e biográficas como idade e relações familiares (SOUZA, 2014, p. 44).

A leitura cruzada e a pré-análise nos remeteu para uma escuta sensível e atenta, assim como para a leitura sucessiva das narrativas, desembocando no cruzamento individual e coletivo das histórias de vida de Patrícia, Débora e Deusa e do mapeamento inicial de significações das categorias temáticas em análise, por considerar os eventos narrados ou descritos sobre o corpo e a sexualidade, sempre focados nos percursos,

trajetórias e experiências de vida das participantes e das singularidades de suas histórias de vida (SOUZA, 2014, p. 44).

O Tempo II - leitura temática ou unidades de análise temática/descritiva – deu-se “mediante a organização temática e agrupamento de unidades de análise que possibilitam a compreensão-interpretação do texto narrativo, através do seu universo de significados e significantes”. É válido ressaltar que “o objeto central da análise temática consiste na construção, após a leitura cruzada, das unidades de análise temática, tendo em vista a análise compreensiva-interpretativa” (SOUZA, 2014, p. 44).

Segundo Souza (2014, p. 44), este tempo de análise

visibiliza a complexidade, a singularidade e a subjetividade das narrativas, exigindo um olhar e uma leitura atentos do pesquisador, uma vez que as regularidades, as irregularidades e as particularidades apresentam-se na oralidade e na escrita, através dos sentidos e significados expressos e/ou não, no universo particular das experiências de cada sujeito. A leitura analítica e a interpretação temática têm o objetivo de reconstituir o conjunto das narrativas, no que se refere à representação e agrupamento, através das unidades temáticas de análise, a fim de apreender sutilezas, o indizível, as subjetividades, as diferenças e as regularidades históricas que comportam e contem as fontes (auto)biográficas.

No que tange o Tempo III - análise interpretativa-compreensiva – pode-se afirmar que o mesmo “vincula-se ao processo de análise, desde o seu início, visto que exige leituras e releituras individuais e em seu conjunto do *corpus* das narrativas, recorrendo aos agrupamentos das unidades de análise temática e/ou ao conjunto das narrativas e das fontes utilizadas” (SOUZA, 2014, p. 46).

Ao articular a leitura cruzada, leitura analítica e leitura interpretativa-compreensiva, propostas pelo Tempo I, II e III da análise interpretativa-compreensiva conseguimos perceber e discernir a maneira particular que cada uma das três mulheres participantes da pesquisa elege para narrar suas referências socioculturais e questões de ordem mais subjetiva que reverberam no sentido que elas conferem ao próprio corpo e sexualidade.

Percepções do Corpo e da Sexualidade: Resignificando o Cuidado de Si, os Roteiros Sexuais e Eróticos

Numa das narrativas de Débora ela menciona que aqueles que atualmente lhe fitam veem uma mulher atraente e bonita, mas desconhecem as sequelas deixadas pela “neurotoxo”. De fato, não é difícil visualizar a menina de quinze anos de idade que outrora percebeu o quanto era sedutora e insinuante aos olhos do sexo oposto depois de vestir uma calça jeans. Todas as vezes que encontrei Débora no Hospital São José e na rede ela usava calça jeans na maioria das vezes coladas as pernas bem torneadas e blusas fluidas e soltas que não marcavam o tórax, mas revelavam por meio de um decote discreto os seios vastos e bem levantados. Os cabelos ruivos no tom acaju, segundo ela cacheados e castanhos por natureza, porém lisos e vermelhos a custa das progressivas e tinturas, emitia o agradável odor do cabelo bem cuidado que se misturava as notas florais e frutais do jasmim, gardênia e pêra do desodorante colônia *Linda* de *O boticário*. Débora também frisou numa certa ocasião que apesar de não ser exageradamente adepta de maquiagem não saia de casa sem marcar o olhar com um lápis e uma máscara de cílios pretos e sem pintar os lábios com um batom mate de tom malva ou levemente avermelhado.

Débora não consegue mais enxergar, falar e andar normalmente, entretanto, tais limites físicos impostos pela neurotoxoplasmose - que ela assegura machucarem e incomodarem, sobretudo, psiquicamente - não lhe impede de cuidar e de embelezar exatamente as partes do corpo cujas funções foram comprometidas pela doença. Os olhos que já não veem as formas das coisas e das pessoas tão nitidamente quanto antes e a boca que não consegue pronunciar as palavras com similar clareza e fluência do passado, são marcados e adornados com os produtos de beleza que as indústrias de cosméticos oferecem. As pernas que não caminham com a mesma habilidade e rapidez de há alguns anos são destacadas pelas calças jeans ajustadas ao corpo.

Não perguntei se Débora utiliza estes recursos para disfarçar ou negar sua condição física e sorológica para outros ou quem sabe até para si mesma. Não é totalmente descartável tal ideia, afinal, “lhe seria possível tentar corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu defeito, tal como quando uma pessoa fisicamente deformada se submete a uma cirurgia

plástica” (GOFFMAN, 1988, p. 18). Contudo, é importante lembrar que durante adolescência, jovens de sua faixa etária ridicularizaram-na após criticaram seu modo de vestir-se e ela também vivenciou alguns momentos extremamente constrangedores advindos do mau cheiro que suas partes íntimas exalavam. Não há dúvidas de que vestuário e hábitos de higiene são fatos sociais e como tal impõem-se aos indivíduos. Igualmente não depende da vontade particular, daí o pressuposto de serem exteriores e gerais.

Patrícia também passou a investir no vestuário e a comprar regularmente roupas justas, curtas e decotadas após o diagnóstico positivo para HIV. Ora, ela vive numa época cuja representatividade da beleza é o corpo esbelto e delgado. Disso decorre a obsessão pela magreza que caracteriza a cultura contemporânea que cultua o dietético e os regimes e práticas sacrificiais. Curiosamente a lipodistrofia responsável pela dissimetria do corpo, harmonizou o corpo de Patrícia. Os braços finos e cumpridos que um dia foram alvo de zombaria da madrastra e dos colegas de escola, agora dialogam perfeitamente com as pernas finas e longas num corpo magro e longilíneo que é capaz de despertar inveja em muitas mulheres que sofrem de distúrbios alimentares, de auto-indução de vômitos, do uso indiscriminado de laxantes, de anfetaminas, de diuréticos e das práticas excessivas de exercícios físicos para manterem o corpo na linha.

Patrícia gosta de chamar a atenção dos homens e de ser desejada por eles. Saber que mesmo depois da confirmação de sua sorologia positiva para HIV ainda desperta o interesse masculino e continua sendo considerada uma mulher atraente, contribui pra que ela se sinta uma pessoa normal, que não precisa viver presa ao medo da aids, muito menos a perspectiva da morte física e social. Assim, em nome da sedução ela prepara seu corpo para ser visto e exposto. Até mesmo a lipodistrofia que poderia ser considerada avessa a toda exposição começa a ser coagida a aparecer e a sofrer um processo de ‘rostificação’ acelerado.

Todavia, Patrícia teme a anorexia profunda que pode reforçar o estereótipo e os estigmas associados ao doente de aids - magro, esquelético - que marcaram a primeira década daqueles que foram infectados pelo HIV.

Curiosamente, quando ela fala da associação da magreza excessiva com a aids não faz referência ao quadro clínico que identifica o avançar das doenças oportunistas, ou seja, o “ficar” doente e debilitada. Sua preocupação não advém do medo das patologias e das repercussões físico-biológicas desfavoráveis que inclui, dentre muitas coisas, a perda de peso. Seu temor é de ordem simbólica e resulta do imaginário em torno do corpo esquelético e esquelético, ou seja, da magreza que remete ao binômio aids-morte mesmo num corpo saudável devido a baixa carga viral e a elevada taxa de CD4. Ela fica apavorada com aquilo que os outros irão pensar caso ela emagreça demais: “Ela tá doente. Bem pertinho de morrer”. Patrícia não consegue suportar a ideia das pessoas suspeitarem que ela fracassou na batalha contra a aids.

É interessante destacar ainda que Débora e Patrícia são fiéis as orientações médicas concernente a ingestão dos anti-retrovirais, ou seja, aderiram totalmente ao tratamento. A primeira pergunta que Débora dirigiu ao médico após o diagnóstico da aids foi: “Doutor, tem tratamento?”. Patrícia, por sua vez, assegura que se seu marido não fosse alcohólico e tomasse as medicações regularmente seria tão saudável quanto ela. A eficácia dos medicamentos confere a ambas a certeza de que é possível viver com HIV e saudável ao mesmo tempo. Ora, vivemos numa ordem que aspira “a medicalização e prevenção absoluta por meio da aceleração do processo de ‘endocolonização’ dos corpos com os produtos fabricados pela indústria biotecnológica” e farmacêutica. Em tal contexto se desenvolveu como nunca na história a aversão às doenças e ao mal-estar que elas provocam. “Quando isto ocorre, queremos relações de amizade e amor somente sob a garantia de que o outro não provoque estresse” (SANT’ANNA, 2005, *passim*). Não por menos, Patrícia alega que seu companheiro, Damião, vem provocando estresse suficiente para justificar a separação. Segundo ela, a incompetência de Damião em controlar a si mesmo o tornou um homem sexualmente impotente e, portanto, incapaz de fazê-la feliz.

Deusa após o falecimento da mãe, o desemprego e a descoberta da sorologia positiva para HIV também perdeu notadamente o controle de seu corpo. Ela sentia que precisava desesperadamente retomar o controle de si e,

consequentemente, potencializar a própria saúde e agir com o máximo de inteligência emocional possível. Encontrou na Igreja Messiânica Mundial do Brasil o alvo de progredir e elevar-se espiritualmente do mesmo modo que as ervas e as árvores crescem em direção ao céu.

A Igreja Messiânica Mundial incita as práticas bioenergéticas, o contato com a terra, com a água, com as plantas, o *biofeedback* característico da ritualidade *New Age* (TERRIN, 2004, p. 398). Não por menos, Deusa julga essencial para sua salvação e bem-estar a prática da horta caseira. Segundo o Rev. Hidenari Hayashi⁸, “o método da Agricultura Natural não deve ser simplesmente deixado a cargo dos agricultores. É para ser realizado por todos nós” (REVISTA IZUNOME, JAN/2013, p. 11). Lembro que certa vez Deusa mencionou numa conversa informal mantida por telefone que o contato com a terra, com as plantas aproxima o ser humano de Deus, mas também colabora para a intensificação da boa saúde por estimular o cultivo e consumo de alimentos livres de agrotóxicos.

A purificação por meio da alimentação assumiu para Deusa a idéia de destoxicação. A Fundação Mokiti Okada é responsável pela edição de diversos livros que privilegiam tal temática e, entre estes, destaca-se Alimentação com Energia Vital. Este livro assegura que a Nutrição Funcional desenvolveu o conceito de destoxicação: processo biológico que busca reduzir os impactos negativos das toxinas no metabolismo corporal. “Em palavras mais simples, destoxicar é promover a limpeza do organismo, no caso, utilizando os alimentos” (REVISTA IZUNOME, MAR/2008). Com base na visão espiritualista da nutrição a ingestão de alimentos com forte teor de energia vital é um método imprescindível para purificar o sangue e, da mesma forma, o espírito. Contudo, a destoxicação do corpo para Mokiti Okada acontece também quando evitamos ingerir tanto as drogas recreacionais como as prescritas pelos médicos no tratamento das doenças. Para Deusa, a alimentação é um caminho para a saúde e, sobretudo, para purificar corpo e espírito.

⁸ Hidenari Hayaschi é presidente do Solo Sagrado de Guarapiranga da Igreja Messiânica Mundial.

Outra prática intensamente estimulada pela Igreja Messiânica Mundial e desenvolvida por Deusa é o Johrei⁹, considerado pelos messiânicos um método eficaz para criar felicidade, pois “canaliza com as mãos, a intangível, infinita e poderosa energia que, pela sua origem e benefícios, é considerada Luz Divina”¹⁰. Para Deusa, tal energia advinda de Deus torna-o absolutamente vivo dentro de nós e isso possibilita a erradicação das doenças. Segundo Deusa, o Johrei deve ser encerrado com uma oração silenciosa, preservando o não contato físico.

Ora, aqui se trata fundamentalmente de uma ritualidade pragmática em que o meio e o fim se identificam, enquanto tudo é orientado para o corpo, para a saúde psicofísica e espiritual, onde se cria uma circularidade holística muito interessante, mas onde, ao mesmo tempo, *o mito desaparece no rito, a salvação está na saúde, o espírito está no corpo, Deus na energia espiritual* que circunda o corpo. Trata-se de ritualidade que exerce por meio de técnicas psicossomáticas e se desenvolve na dinâmica simples de realizações concretas, como bem-estar, o sentir-se em harmonia com a natureza, o sentir o próprio corpo vibrar em uníssono com o espírito, com a energia que nos rodeia. (TERRIN, 2004, *passim*)

Para chegar ao estado de bem-estar generalizado Deusa emprega meios simples “de relaxamento do corpo, de contato com os elementos naturais, com o uso de sons, cores e perfumes” que podem ser obtidos e apreciados na própria natureza, no Belo que há numa flor ou nas obras de arte (TERRIN, 2004, p. 398). Sim, a dedicação total à salvação se dá através do Belo. Para o Rev. Hidenari Hayaschi, “ter contato com excelentes obras de arte é muito importante” (REVISTA IZUNOME, FEV/2013, p. 11). Apesar de a condição espiritual transcender a física, o corpo precisa estar limpo e adornado, afinal, ele igualmente contribui para o “estar bem”.

Se o Johrei é indicado, especialmente, para purificar o espírito, a Agricultura Natural e a Arte e Belo, respectivamente, contribuem para purificar

⁹ O Johrei caracteriza-se como pilar ritualístico da Igreja Messiânica Mundial e foi transmitido e ensinado desde 1930 por Mokiti Okada. A palavra criada por ele é formada pela junção de dois ideogramas da língua japonesa que significam JOH – “purificar” e REI – “espírito”. De acordo com o referido Meishu-Sama a necessidade de purificação deve partir do princípio de que não é mais possível dizimar os males humanos apenas usando medidas paliativas para reverter os sintomas. E isso vale tanto para os níveis físicos como espirituais. Quanto mais impurezas espirituais e físicas o homem acumula, mais pesado fica o espírito, tendendo a decair nas camadas do mundo espiritual onde a luz é, indiscutivelmente, escassa. Daí, a importância do Johrei que tem o poder de purificar impurezas do homem e da mulher tornando possível que os mesmos se elevem espiritualmente para camadas onde a Luz é intensa.

¹⁰ Informação disponível no site oficial da Igreja Messiânica Mundial do Brasil: <http://www.messianica.org.br>

e adornar o corpo. Contudo, para os messiânicos corpo e espírito mantêm mais do que uma relação de mutualidade, eles são unos e coesos. Ao passo que se purifica o espírito o corpo igualmente é biologicamente purificado e vice-versa. Assim, a ritualidade do Johrei, da Agricultura Natural e da Arte e Belo concentradas essencialmente no corpo, tornam-se auto-referenciais e “o corpo é o único sacramento reconhecido [...], em torno do qual gravitam as duas grandes coordenadas saúde/salvação, capazes de repetir no nível funcional e soteriológico a relação imanência-transcendência” (TERRIN, 2004, p. 399).

Deusa alcançou o controle sobre si a partir do momento que incorporou o Johrei, a Agricultura Natural e a Arte e Belo como pilstras fundamentais de sua salvação, ou seja, de sua saúde. É verdade que para ela o sangue infectado pelo HIV está sujo, “não presta mais pra nada”. Mas isso não anula a possibilidade de desintoxicá-lo a partir de uma alimentação saudável e não adesão às drogas antiretrovirais. O belo para Deusa transcende a aparência física. Ele está na condição do espírito e do corpo. Ele está na saúde que advém do bem-estar livre das náuseas, vômitos e diarreias que o tratamento com os antiretrovirais impõem.

Devo ressaltar que a compreensão do modo como estas mulheres problematizam sua relação com o corpo exige também uma reflexão mais apurada em torno do “corpo psíquico” ou ‘corpo sexual’, representação corporal da articulação de um conjunto de órgãos e zonas erógenas em que se gera ou descarrega a libido, a rede de desejos e de pulsões regida pela economia do prazer/desprazer” (MURARO, 1983, p. 23). Contudo, “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo, [...] e tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginação quanto com o nosso corpo físico” (WEEKS, 2001, p. 38). Machos e fêmeas biológicos são igualmente submetidos a processos de sociabilização sexual “no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida”. Foi através desse processo de sociabilização sexual que Débora, Patrícia e Deusa apreenderam “os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes

[possibilitaram]” (PARKER, 200, p. 52). Neste sentido, cabe aqui perguntar: o que caracteriza os roteiros sexuais de cada uma delas antes e depois da situação de infecção?

Segundo Gagnon (2006, p. 136), “é principalmente nos padrões de interação sóciosexual de meados da adolescência que as mulheres começam a formular e a incorporar em seus roteiros românticos sobre interação homem-mulher elementos que contêm um componente especificamente sexual”. As narrativas das mulheres entrevistadas confirmam tal pressuposto. Deusa durante esta fase de seu ciclo de vida saiu com a família do interior do Ceará para vir morar em Fortaleza. Aqui conheceu meninas de sua faixa etária que pensavam e agiam de um modo bastante diferente daquele ensinado por sua mãe que, segundo ela, “era uma mulher extremamente religiosa que não perdia uma missa e a oportunidade de confessar seus pecados a um padre na igreja”. Enquanto sua mãe proibia terminantemente qualquer indício de iniciação sexual, as adolescentes com as quais ela começou a se envolver lhe contavam com riqueza de detalhes os beijos ardentes e as carícias recebidas, sobretudo, nos seios, nas esquinas das ruas desertas e escuras do bairro onde moravam.

É bem verdade que as regras sobre nudez e carícias entre os sexos já se achavam instauradas em Deusa muito antes dela ter ideia do “que implicava o ato do coito num sentido direto ou concreto” (GAGNON, 2006, p. 137). Contudo, além de interagir com as colegas de sua faixa etária, Deusa com o objetivo de alcovitar o namoro de uma amiga começou a manter contato contínuo com um jovem mais velho do que ela. Tal rapaz era casado, portanto, detentor de um roteiro sexual relativamente mais avançado do que o dela. O enamoramento entre os dois serviu como um mecanismo mediante o qual foi possível superar as restrições à experimentação sexual e Deusa se entregou a um homem mais experiente desconsiderando a concepção da distinção entre boa moça e a moça que não presta repassada por sua mãe muito antes dela incorporar qualquer conteúdo especificamente sexual.

Entretanto, foram nas relações sexuais mantidas com Gustavo (40 anos mais velho) que a excitação generalizada se especificou em algumas partes do seu corpo, partes estas que ele habilidosamente passou a conhecer

muito bem. Isso leva a crer que seu corpo foi cada vez mais investido de significações eróticas derivadas do parceiro. Com ele foram trocadas carícias e ela percebeu que a excitação era possível e prazerosa por meio de uma sequência de atividades mutuamente praticadas que exigiam dela, sobretudo, cooperação (GAGNON, 2006, p. 139). Ou seja, “no contexto amoroso [envolvendo Gustavo] ela aprendeu a ter um sentimento do caráter físico da sexualidade e de seu papel na satisfação sexual” (GAGNON, 2006, p. 139).

A transição de Deusa para um novo parceiro ocorreu em meio a crises e elementos problemáticos, “no tocante à coordenação física e às mudanças na situação social”: Ronaldo era alcoólico, não conhecia seu corpo tão bem como Gustavo e D. Rosalina, mãe de Deusa, não era a favor do relacionamento. Além do mais as relações sexuais mantidas com ele não envolviam um componente para ela fundamental, a saber, o amor que ultrapassa o desejo carnal. Deusa não conseguiu administrar essa transição sem certa medida de perturbação do desenvolvimento sexual concreto. Em circunstâncias tão diferentes ela não foi capaz de coordenar seus ciclos de excitação tanto que o sexo anal foi encarado como uma violação de seu corpo e, segundo ela, resultou na infecção pelo HIV. De acordo com Deusa, Ronaldo, diferentemente de Gustavo, não demonstrava preocupação com o prazer sexual da parceira e isso somado a outros problemas de relacionamento conjugal resultou no fim do casamento.

Até o momento da última entrevista Deusa estava relacionando-se com Francisco cuja sorologia era negativa para HIV. Apesar de afirmar que o namorado era gentil e atencioso, quando ambos fazem sexo ela não atinge o orgasmo. Ela não consegue editar, reescrever e organizar seus roteiros sexuais antigos a fim de obter prazer nas relações sexuais estabelecidas no presente. Deusa assegura que o parceiro até que se esforça em criar situações que instiguem sua satisfação, mas questões de ordem psicossociais impedem o seu bom êxito. Considerando que o “esforço mental tem um efeito heurístico: tende a incorporar qualquer elemento disponível na situação que seja útil a seu propósito”, as representações concernentes aos dois principais fluídos transmissores do vírus da aids, ou seja, o sangue e o esperma, bloqueiam a incorporação mental de elementos eróticos úteis ao propósito do ato sexual,

que para ela se resume no orgasmo (GAGNON, 2006, p. 143). Na concepção de Deusa, o apreço pelo companheirismo do parceiro não é suficiente para sustentar o namoro. Ela afirma que gosta muito do namorado e por ele tem grande admiração, mas se o sexo não lhe propicia mais prazer o melhor a fazer é por um fim na relação, mesmo Francisco garantido que é capaz de viver com ela sem precisar “transar”.

Os roteiros sexuais apreendidos por Patrícia, Débora e Deusa, bem como suas percepções sobre sexualidade, convergem e divergem em vários aspectos. Patrícia e Débora diferentemente de Deusa, tiveram suas primeiras experiências sexuais após a adolescência¹¹ com 19 e 20 anos de idade, respectivamente. Mas isso não quer dizer de modo algum que elas já não estivessem incorporando roteiros sexuais no decorrer da adolescência. Contudo, Patrícia e Débora, ao narrarem o primeiro relacionamento amoroso que culminou na gravidez não citam detalhes de fórum muito íntimo. Elas dão a entender que a relação com os pais de seus filhos foram eventos sem grande significado amoroso e erótico.

Débora ainda morava com os pais quando engravidou durante aquilo que denominou “primeira pimbada” exatamente no dia 12 de outubro, isto é, no dia da criança. É digno de nota que ela costuma referir-se ao sexo fazendo analogia ao “brincar”. Quando ela narra a reconciliação com Marcelo, atual marido, ao fazer referência às várias relações sexuais concomitantes mantidas numa noite, ela diz que os dois brincavam e descansavam para depois brincarem novamente. O desgaste físico foi tão intenso que ela desmaiou após uma convulsão.

Lembro que quando lhe entrevistei pela quarta vez no H.S.J ao receber a ligação de uma amiga ela atende dizendo: “Padaria pão duro, quente, saindo e entrando”. Observei também durante nossos encontros que Débora costuma “brincar” fazendo referência a elementos eróticos em vários

¹¹ A idade da adolescência varia de nação para nação. Culturalmente falando, no Brasil a adolescência é compreendida como a faixa etária que engloba dos 12 aos 18 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente, por exemplo, estabelece esta mesma faixa etária como sendo a dos menores de idade. Neste caso, o menor que comete um crime recebe medidas sócio-educativas como punição.

contextos da vida diária, cotidiana. Brincando Débora cria e recria suas expressões de afeto, amor e sensualidade.

Contudo, os sexólogos explicam que sexo e brincadeiras sexuais são duas coisas completamente diferentes. Enquanto o sexo implica o ato físico como resposta a atração, ao desejo e ao amor, as brincadeiras sexuais são como o prelúdio, “o requinte que pode proporcionar à vida amorosa um toque especial”. Débora parece entender essa diferenciação tanto que disse certa vez que ela e o marido gostam de variar. Nada de ficar sempre na mesmice. De vez em quando é bom brincar num lugar diferente, mesmo que no espaço da casa. Nada mais gostoso do que brincar na pia da lavanderia. Para Débora a criatividade sexual tem uma forma lúdica.

Ela foi a única a narrar o conjunto de conexões que ligam desejo, fantasia, excitação, masturbação e prazer. Obviamente que fantasias eróticas também exigem criatividade lúdica. Quando ela se separou de Marcelo só conseguia chegar ao orgasmo quando fechava os olhos e imaginava que era com ele que transava. Vale frisar ainda que Débora mencionou num de nossos encontros com gravador desligado devido o descarragamento das pilhas, que apesar de seu primeiro relacionamento sexual com um homem ter ocorrido aos vinte anos de idade, no decorrer da adolescência ela experimentou intensos orgasmos enquanto se masturbava, mas não considerava aquilo algo extraordinário.

Este recurso apreendido num contexto que no momento de sua aprendizagem parecia irrelevante foi editado, reescrito e aplicado quando ela se apaixonou por Bruno e não foi correspondida. Quando fantasiava momentos íntimos com ele, a mente lhe permitia fazer tudo o que não podia ser feito na realidade. Todos os seus desejos eram realizados. Já a masturbação lhe oferecia a oportunidade de explorar e conhecer seu próprio corpo, ou seja, sua própria sexualidade. Para Débora, pode-se dizer que a fantasia e a masturbação são experiências que envolvem integralmente mente e corpo, pois o desejo que as incitam, e a excitação delas decorrentes, estão mutuamente implicados. Na sua intersecção se localiza a experiência psíquica do erótico e a concretização do prazer na liberação orgástica corporal.

Contudo - com excessão das experiências eróticas envolvendo João, Bruno e Marcelo de modo concreto ou imaginário - os outros relacionamentos amorosos foram narrados ressaltando, sobretudo, a frustração, a ansiedade, enfim, a dor de ordem emocional em detrimento do prazer sexual deles advindos. Segundo Gagnon,

a conduta sexual compartilha com outros aspectos da conduta humana o dilema das divergências dos roteiros e das motivações práticas entre as partes implicadas nos mais exitosos desempenhos concretos. Homens e mulheres podem unir-se sexualmente em nome de objetivos e motivações práticas que envolvem o amor ou lascívia, a exploração ou a comiserção, o auto-engrandecimento ou a auto-aversão (GAGNON, 2006, p. 148).

Levando em conta as narrativas de Débora, seu objetivo ao relacionar-se sexualmente com Hernan, Aguinaldo e Arnaldo era esmiuçar a solidão e apaixonar-se. Não posso afirmar tomando como base apenas as narrativas dela, que tais parceiros não comungassem dos mesmos objetivos. No entanto, no transcurso das relações estabelecidas com cada um deles, os objetivos e as motivações dela mudam. O que passa a subjazia o sexo é a lascívia, a comiserção e até mesmo a auto-aversão. Nem por isso a vivência do ato sexual em si com Hernan, Aguinaldo e Arnaldo deixou de propiciar, segundo ela, relativa carga de satisfação que se resumia no orgasmo inicialmente frequente e com o passar de pouco tempo esporádico e ocasional.

No caso de Patrícia, ela experimenta na vida real o que muitos só vivenciam no plano da fantasia erótica. Ela dissolve na prática as repressões e restrições da realidade que as fantasias dissolvem no plano imaginário. Parker obteve narrativas de homens e mulheres que disseram que “nas fantasias tudo é possível. O que faz as pessoas terem fantasias é a insatisfação dos desejos ou o desejo de possuir o que não têm. Na fantasia, a gente tem. A gente pode fazer o que quer. Todos os desejos serão satisfeitos. É o contrário da vida real” (PARKER, 1991, p. 169).

Patrícia não precisa fantasiar para satisfazer seus desejos eróticos com o cunhado, Narcélio, e o marido da melhor amiga, Guilherme, ambos vizinhos dela. Ela supera o medo de ser flagrada pelos cônjuges traídos e manteve e mantém, respectivamente, relações sexuais na própria cama com Narcélio, enquanto que com Guilherme faz isso na cama dele. Para ela o sexo

atende uma necessidade físico-biológica que não pode ser negligenciada, daí a importância de encarar os riscos e também superá-los. Ora, tanto

na ideologia popular do gênero quanto no discurso mais formal da sexualidade e no sistema de referência erótico, o desejo sexual é interpretado como uma força ou energia ligado à própria vida. [...] De fato, a própria noção de desejo como um tipo de energia difusa é construída através de um simbolismo cultural complexo que, ao mesmo tempo, o define e o relaciona às manifestações físicas, concretas, do corpo humano – a excitação sexual” (PARKER, 1991, p. 161).

Levando em conta que implícita ou explicitamente ela incorporou no percurso da vida um repertório de situações e práticas sexuais, algumas definidas como aceitáveis, outras como proibidas, pode-se dizer que é a própria ideia de proibição que incita a transgressão. Assim, na concepção de Patrícia, o desejo e a lógica transgressora exigem dela o desempenho mais amplo possível das suas energias sexuais visando o prazer, o orgasmo.

Algumas Considerações

A partir das narrativas das mulheres participantes desta pesquisa fica claro que durante processo de recusa da morte, sobretudo, social, o corpo e a sexualidade feminina são vividos ora ratificando ideias já estabelecidas ora retificando-as. O HIV/aids e a lipodistrofia não decretam a decrepitude física, pois o controle de si confere sentido aos cuidados do corpo que resultam no controle da carga viral e dos anticorpos no organismo através da adesão ao tratamento antirretroviral ou por meio de hábitos mais saudáveis de vida. O embelezamento e adorno do corpo o tornam mais atraente mesmo quando atingido pela lipodistrofia.

As narrativas evidenciam ainda o quanto a capacidade sexual de cada uma delas é inerente a certos desejos individuais pelos quais elas não tiveram que pedir permissões, desculpas, autorizações e nem perdões. Elas aceitaram que durante a trajetória de uma vida pré e pós-infecção pelo HIV, era necessário incluir a sexualidade “por ser um elemento constitutivo e de cujo exercício se desprendem com efeito não apenas a diferença de nossa espécie, mas a alegria e o desejo de viver” (ZAMPIERE, 2004, p. 132). Elas não dão a renúncia sexual o sentido de um suposto bem e nem se culpam

demasiadamente pelo prazer sexual, culpa esta proveniente muitas vezes do patriarcalismo ainda vigente e de fanatismos institucionalizados.

Patrícia, Débora e Deusa são mulheres de origens humildes que moraram durante boa parte da infância e/ou adolescência em municípios diferentes do interior do Ceará. Foi inicialmente no âmbito familiar de diversidades culturais, religiosas e morais que ocorreu a legitimação do desejo sexual e erótico. Considerando que o erotismo é a interação do desejo com os desafios de viver e amar, a aventura do crescimento deu a sexualidade individual de cada uma delas um formato e textura ímpar.

Apesar de serem únicas, as três participaram de algumas realidades de existência humana singulares, conseqüentemente, foram submetidas a eventos igualmente singulares que evoluiu a superação de obstáculos: relações sexuais mantidas com parceiros desaprovados pelos pais ou mesmo desconhecidos por estes e com homens mais velhos, casados etc. Essas experiências encontraram um lugar no erotismo cuja principal pedra que parecia intransponível foi vencida, a saber, a violação de proibições e convenções. Tal pedra adicionou, de forma bastante eficaz, o entusiasmo necessário para os encontros proibidos nas esquinas, canteiros de obras e camas de cônjuges traídos.

Elas cresceram em ambientes sexualmente restritivos, que praticamente as destinaram a desbravar seus potenciais eróticos ao passo que rompiam regras. A verdade é que os padrões que chamam a atenção pela virtude de serem impróprios ou proibidos estão entre aqueles que foram os mais magneticamente atraentes para elas. Realmente, toda sociedade tenta limitar o comportamento sexual, mas tais restrições culturais não visam tão somente a definição e ratificação de padrões aceitáveis de comportamento, “mas também têm outra função que não é conscientemente pretendida: fornecer barreiras prontas que qualquer pessoa pode usar para intensificar suas excitações” (ZAMPIERE, 2004, p. 137). A habitual quebra de regras trouxe o risco delas se sentirem envergonhadas ou dominadas pela culpa, mas a violação das proibições forneceu também uma via para auto-afirmação - antes e depois da infecção pelo HIV - que realmente contribuiu para a auto-estima.

Portanto, é evidente que as percepções destas três mulheres sobre o sexo e a sexualidade estão em consonância com as de muitas outras mulheres menos vulneráveis a infecção pelo HIV e cujas sorologias são negativas. As duas categorias, soropositivas e soronegativas vivem num contexto sociocultural no qual as concepções sexológicas se tornaram hegemônicas. A maioria das pessoas parece não discordar da democracia sexual que se apoia numa ideia bastante específica e cara desde as últimas décadas do século XX até hoje: o direito à felicidade que exige da mulher o dever de obter seu próprio orgasmo.

Quanto ao corpo, às narrativas evidenciam o que Sant'anna (2005, p. 99) já afirmara no excelente artigo *Transformações do Corpo: Controle de Si e Usos dos Prazeres*:

Tenho como pressuposto inicial o fato de que as inúmeras exigências feitas ao corpo, coagindo-o a ser cada vez mais saudável, jovem e um produtor infatigável de prazer, acabam provocando uma vontade crescente de resgatar esse corpo, adulá-lo e protegê-lo, fornecendo-lhe quase a mesma importância e os mesmos cuidados outrora concedidos à alma. No limite, cuidar do corpo significaria, portanto, o melhor meio de cuidar de si mesmo, de afirmar a própria personalidade e de se sentir feliz. É quando, no lugar de um controle-repressão, o investimento sobre o corpo adquire, como havia sugerido Foucault, o perfil de um controle-estimulação.

As narrativas de Patrícia, Débora e Deusa evidenciam que cada uma delas tende a “inflacionar o espaço dedicado aos cuidados de si com preocupações e ações totalmente voltadas para esse ‘si’”, visando o aperfeiçoamento corporal, mas também a obtenção de prazeres (SANT'ANNA, 2005, p. 100). Ora, vivemos numa ordem tecnocientífica constituída pelo poderio inacreditável da megaindústria que reúne beleza, nutrição e saúde e que “prega que tudo pode e deve funcionar como um remédio: a publicidade não cessa de anunciar alimentos que previnem doenças, superenriquecidos [...]” (SANT'ANNA, 2005, p. 103). Os alimentos orgânicos do tipo promovido pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil e consumidos por Deusa se encaixam na promissora fatia de mercado que atende os adeptos de uma alimentação mais saudável livre de agrotóxicos e pesticidas tão prejudiciais ao corpo, enfim, à saúde.

Curiosamente, esta mesma ordem tecnocientífica “reunida à economia de mercado aposta na transformação de todas as práticas em

experiências de busca de prazeres ilimitados. Esta busca defende que é preciso viver em meio a prazeres constantes e acumular prazeres suplementares” (SANT’ANNA, 2005, p. 102-103).

Somente dentro desta tendência é possível compreender, de fato, o quanto a vontade de saber sobre o sexo, por exemplo, vem cedendo espaço para a imensa avalanche provocada pela vontade de manter o corpo sexualizado, jovem, potente e no controle de todas [...] as situações. Vontade de controle que coage a lei a organizar diferentemente os ilegalismos: se com as sociedades disciplinares as infrações incidiam sobre o corpo indisciplinado, naquelas de controle elas incidem muito mais sobre os corpos que não sabem se manter no comando das situações, o que, muitas vezes, se traduz pela falta de habilidade e de recursos para obter os serviços que prometem, justamente, resgatar ao ser humano um controle sobre si, mesmo que, para isso, seja preciso se desvincular dos parâmetros que definem a escala humana. (SANT’ANNA, 2005, p. 104).

Parafraseando Sant’anna (2005, p. 103), diríamos que, por conseguinte, se no tempo da infância e adolescência Débora, Patrícia e Deusa se arrependiam “dos prazeres furtivamente experimentados sem o consentimento” de seus pais, hoje, elas vivem outra tendência e se arrependem dos prazeres intermediados pelo corpo eventualmente não vividos: o passado continua a persegui-las, mas com outras exigências.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativa e pesquisa autobiográfica. In: **A aventura (auto)biográfica: Teoria & Empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociológica, Barcelona, Ediciones Bellaterra, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HOLZMANN, Liza. **Histórias de vida e depoimentos pessoais**. v. 2, n. 1, p. 44-56, 2002. Disponível em: <<https://www.revista2.uepg.br>. Acesso em: fev. 2012.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983.

OLIVEIRA, Paulo de Sales (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS/São Paulo: Editora 34, 2000.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. 3ª. ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PARKER, Richard. *et al.* **A AIDS no Brasil (1982-1992)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

REVISTA IZUNOME: UM NOVO PARADIGMA PARA A SOCIEDADE OCIDENTAL, N. 81, Jan, 2013.

REVISTA IZUNOME: UM NOVO PARADIGMA PARA A SOCIEDADE ATUAL. N.61, Jan, 2013.

REVISTA IZUNOME: UM NOVO PARADIGMA PARA A SOCIEDADE ATUAL. N. 82, Fev, 2013.

REVISTA IZUNOME: UM NOVO PARADIGMA PARA A SOCIEDADE ATUAL. N. 02, Mar, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 99-110.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica**: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Revista Educação. v. 39, n. 1, jan./abr. 2014

SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativa de formação e professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da Aids. São Paulo: Ágora, 2004.